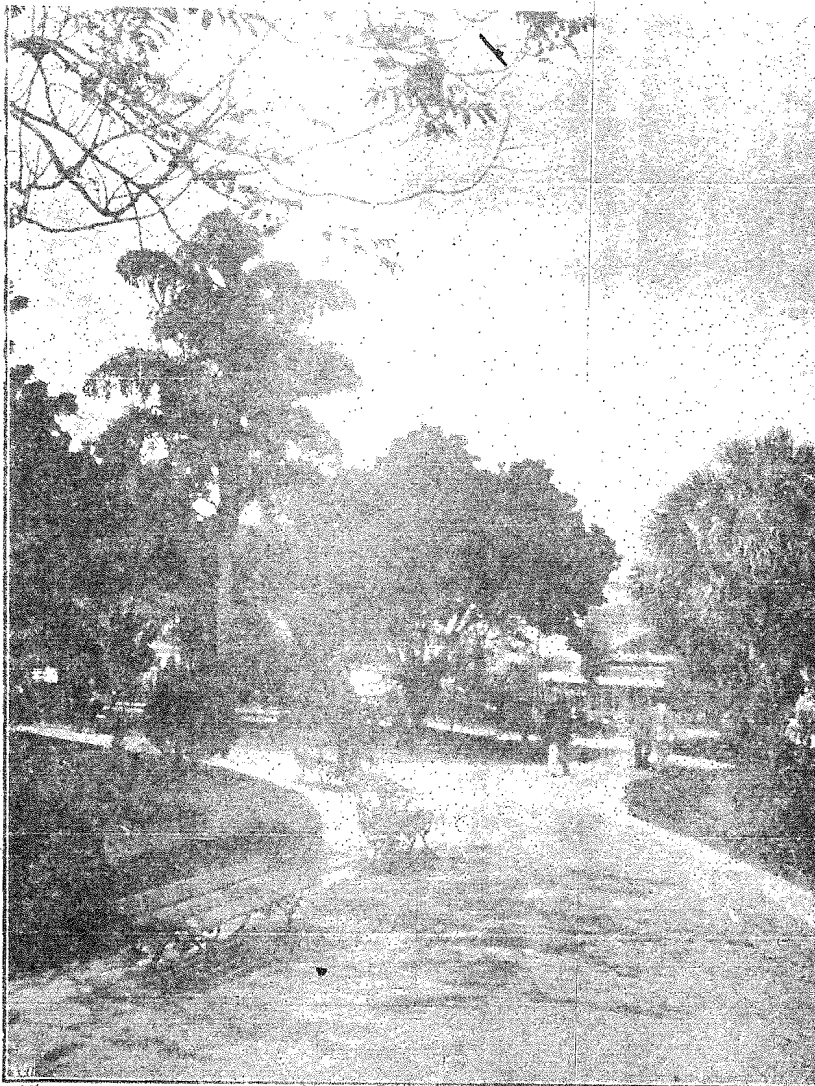


Major Hypolito Boiteux

Nova Trento



(Um trecho do Jardim Oliveira Be o)

ANNO I NUMERO 32
Florianopolis, 26 de Novembro de 1916



„A PHENIX”

Semanario Ilustrado

Redacção--Administração--Officinas

RUA SALDANHA MARINHO N.º 22

DIRECTOR

Edmundo Silveira

ASSIGNATURAS

CAPITAL {Anno . . . 15\$000
 {Semestre . . . 8\$000

INTERIOR {Anno . . . 18\$000
 {Semestre . . . 10\$000

NUMERO AVULSO 500 Rs.

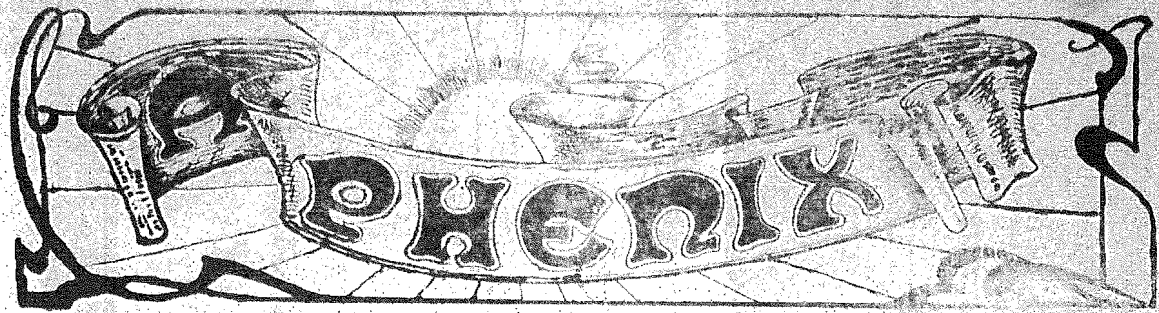
ATRAZADO 600 Rs.

ANNUNCIOS

1 pagina a 3 cores	30\$000
1 2	25\$000
1 1 .. e clichê	20\$000
1 simples com vinhetas.	15\$000
1/2 pagina a 3 cores	18\$000
1/2 2	15\$000
1/2 1 .. e clichê	12\$000
1/2 simples com vinhetas	8\$000

Os annuncios gosarão dos seguintes abatimentos:

2 mezes 5 % , 6 mezes 15 % , e permanente 25 % .



SEMANARIO ILLUSTRADO

ANNO I

FLORIANOPOLIS 26 de Novembro de 1916

NUM. 32

Dr. José A. Boiteux

As homenagens

As festas comemorativas homenagens tribuam-lhe domingo pelo povo desta Capital, ao opulento e inteligente historiographo Catharinense Dr. José Arthur Boiteux tomaram a proporção de uma verdadeira consagração.

Florianopolis, toda, sem distincção de credos políticos e religiosos, foi ao trapiche saudar o patriota illustre que, com extraordinario bilhão, acaba de representar Santa Catharina no Congresso de Geographia recém-realizado no illustre Estação da Bahia.

Cedo ainda começou a affluir ao trapiche municipal grande numero de cavalheiros e de eximas familias.

A's 7 horas, foi annunciado a passagem do «Itauba» pela fortaleza por uma salva, partindo então, os escaletes tripulados pelos socios dos Clubs Sportivos conduzindo a comissão Central, rebocadores e lanchas transportando amigos e admiradores do dr. Boiteux.

Chegados a bordo depois da troca de cumprimentos s. s. e sua exima familia tomaram os escaletes que foram comboiados pelas demais embarcações.

No trapiche municipal, onde se effectuou o desembarque, o distincto barriga verde recebeu os cumprimentos do representante do governador do Estado, de altas autoridades e do povo, fallando nessa occasião, o nosso presado confrade

sr. Amphiloquio Gonçalves que, em poligota alencução, deu as boas vindas em nome da população.

O dr. Boiteux, visivelmente comovido agradeceu aquella demonstração de estima de seus patriotas, abunfando em considerações sobre Santa Catharina, sendo ao termino bastante applaudido.

Em seguida organisou-se o prestito que, precedido pelas bandas de musica Amôr à Arte, Commercial e Regimento de Segurança, contornou a Praça 15, dirigindo-se para a Pensão Familiar, onde o illustre homenageado se hospedou.

A noite realizou-se a grande manifestação ao distincto constadano.

A's 18 1/2 horas, uma comissão de membros do Centro Civico composta dos srs: Laercio Caldeira, Haroldo Chulado, Alberto Barbosa, João Crespo e Clementino de Brito, foi a Pensão Seara, convidar o dr. Boiteux e exima familia para a recepção do Centro Civico.

Por esta occasião partia da Superintendencia a grande marcha civica precedida das bandas de musicas do Regimento de Segurança e Amôr à Arte.

O salão nobre do Centro, achava-se elegantemente ornamentado com bandeiras do Estado e galhardetes branco e encarnado.

Tudo ahi nos fallava ao coração, porque era bem a expressão do amor daquelle gremio de moços á nossa terra, á terra querida dos barriga-verde.

Depois de breve demora, o nosso collega sr. Laercio Caldeira, lá-

deado pela comissão promotora dos festejos e por duas galantes senhorinhas, pronunciou eloquente discurso em que realçou as qualidades moraes do manifestado e os serviços extraordinarios que s. s. tem prestado ao Estado, fazendo entrega do mimo que os seus patriotas e admiradores lhe offereciam.

O discurso do sr. Laercio, um banno entoado ao valor dos catharinenses, foi delirantemente applaudido.

Em seguida teve logar a recepção do Centro, saudando ao dr. Boiteux, o orador official sr. Amphiloquio Gonçalves que proferiu vibrante e patriótica allocução.

Palmas entusiasticas cobriram as ultimas palavras do orador.

Fallaram ainda os srs. Innocencio Campinas e coronel Salles Brazil, sendo ambos os oradores muito applaudidos.

O presidente do Centro annunciou então que o illustrado conterraneo, iria discorrer sobre os homems illustres de Santa Catharina.

Ao assomar a tribuna, o grande auditorio prorompeu em palmas, que se prolongaram por alguns minutos.

O dr. Boiteux começou agradecendo aquella manifestação do povo e do Centro, dizendo que aquelle valioso mimo que recebera seria um incentivo para que nunca esmorecesse no seu empenho de bem servir ao seu Estado.

Em seguida passou a ler o que havia «escripto naquelle dia de tanta affeição e de tão longas manifestações de sympathia».



Marcelino Antonio Dutra

Jornalista

Em Camboriú

Ao terminar o seu trabalho foi delirantemente applaudido.

O presidente do Centro deu por terminada aquella recepção e convidou mais uma vez ao povo a applaudir o merito real do dr. Boiteux.

Uma estrepitosa salva de palmas rebouou então pelo salão do Centro.

Formou-se em seguida o grande prestito, em cuja frente ia a familia do festejado coestadano acompanhada de todas as senhoras e senhorinhas que assistiram a sessão. Seguiam-se o dr. Boiteux, o dr. Secretario Geral, commissão promotora dos festejos, directoria do Centro e povo, que entusiasticamente victoriava ao dr. José Boiteux, sendo tambem vivados o Estado de Santa Catharina, o benemerito Governador do Estado, dr. Fulvio Aducci, major Vieira da Rosa e Lucas Boiteux.

Ao chegar a Pensão Familiar fallou o dr. Boiteux, que foi applaudidissimo.

E assim terminaram as manifestações com que o povo desta Capital soube homenagear o merito real de um catharinense que por um «seriado de estudos que elevam fora do Negro e do Uruguay, para além da nossa Ilha, o nome de Santa Catharina grande, pujante, na sua historia e nobre nos seus filhos» é bem digno da gratidão do povo de sua terra.

A Phenix, que conta no dr. Boiteux um amigo dedicadissimo reitera-lhe o abraço de boas vindas.

Na sessão do Centro foram distribuidos um grande numero de retratos do dr. Boiteux, homenagem da nossa revista e um folheto de versos do nosso joven esperançoso conterraneo Nicolau Nahas.

Não é grande o numero de pessoas que reconhecem a relação entre a preguiça e fracasso.

O dia 15 de Novembro Inauguração do retrato do Exmo. Sr. Dr. Felipe Schmidt Imponentes solemnidades

No dia 15 de Novembro, anniversario da proclamação da Republica, o municipio de Camboriú, á cuja frente se achá superintendendo o prestigioso sr. coronel Benjamin Vieira, festejou a assignatura do accôrdo e o regresso do Exmo. Sr. Dr. Felipe Schmidt, inaugurando o retrato de S. Exa. na Superintendencia Municipal.

As ruas da florescente villa estavam bizarramente ornamentadas.

Estava ali projectada para o meio dia uma brilhante e carinhosa recepção ao Sr. Dr. Fulvio Aducci, digno e esforçado Secretario Geral que ia representar o Exmo. Sr. Dr. Felipe Schmidt nas solemnidades.

O distincto auxiliar do Governo, que partiu desta Capital na tarde de 14, se fez acompanhar de sua virtuosa esposa Exma. Sra. D. Alayde Alvim Aducci, da graciosa senhorita Alice Schmidt, gentil filha do Sr. Dr. Schmidt e do sr. major Gustavo Silveira, Director do Thesouro do Estado.

Tambem, em automovel particular, acompanharam a s. s. o Sr. Dr. Thiago da Fonseca e sua Exma. esposa e o nosso collega Dr. Oscar Ramos, representante do «Estado» e d'esta revista.

Às 11 horas começou o grande movimento popular na florescente villa de Camboriú.

Corporações sociaes, altas auctoridades, collegios publicos sob a direcção da distincta professora D. Adalza da Cruz Simas e do esforçado professor Pedro de Almeida Gonçalves, muitas senhoritas e povo, precedidos da banda de musica *Carlos Gomes*, de Tijucas aguardavam na rua Lauro Muller o sr. Dr.

Fulvio Aducci e a sua comitiva.

O sr. coronel Benjamin Vieira, acompanhado de inumeros co-religionarios e de distinctas senhoritas, á distancia de quatro kilometros esperava os visitantes que foram recebidos por entre entusiasticas aclamações.

Após as boas vindas, formou-se um longo prestito de carros, indo á frente os dois automoveis com fraca velocidade.

Na rua Lauro Muller, onde estava a multidão de manifestantes, o Sr. Dr. Aducci e sua comitiva desembarcaram. As aclamações atingiram ao delirio.

A banda de musica executou o hymno catharinense.

Em nome do povo de Camboriú o sr. Heitor dos Santos, agente dos Telegraphos, pronunciou um bello discurso de boas vindas.

A graciosa menina Clotilde Ramos, em nome da mocidade das escolas, offereceu ao illustre sr. dr. Secretario Geral um lindo bouquet de flores naturaes.

Organizado o prestito, os visitantes rumaram em direcção á residencia do sr. coronel Benjamin Vieira, onde lhes foi offerecido um lauto jantar, regado a finissimos liquidos, trocando-se por esta occasião os mais amistosos brindes.

Durante a tarde o Sr. Dr. Aducci recebeu os cumprimentos das auctoridades locais e de inumeros co-religionarios.

À noite no salão da Superintendencia teve lugar com maximo brilho a solemnidade da inauguração do retrato do Exmo. Sr. Dr. Felipe Schmidt, honrado Governador do Estado.

A concurrencia de Exmas. familias e cavalheiros era avultada.

Às 20 horas, o Sr. Dr. Fulvio Aducci, em companhia de sua comitiva e do sr. coronel Benjamin Vieira, fez ali a sua entrada, sendo recebido por uma commissão

de moças que o cobriram de pétalas de rosas.

Neste instante, a banda de musica executou o hymno catharinense e a assistencia aclamou delirantemente o nome do srs. drs. Schmidt e Aducci.

Aberta a sessão civica, o sr. coronel Benjamin Vieira pronunciou vibrante discurso enaltecendo o governo benemerito do Exmo. Sr. dr. Felipe Schmidt.

Elevou com muita justiça os relevantes serviços que o seu jovem auxiliar sr. Dr. Aducci vem prestando á proveitosa administração catharinense.

Terminando declarou inaugurado o tetrato do Sr. Dr. Schmidt.

Nesta occasião, o panno do pequeno palco armado na Intendencia foi subindo.

Uma artistica apotheose. Sobre um throno preparado com muito gosto, estava collocado um grande retrato a crayon de S. Exa. preso á custosa moldura doirada.

No alto do quadro, desprendendo o vôo achava-se uma grande aguia, sustendo pelo bico uma corôa de louros.

Os degrãos do throno, perfeita imitação á marmore eram profusamente illuminados á copos coloridos. Nas entradas lateraes, estavam duas lindas meninas vestidas de branco e sustentando as bandeiras catharinense e nacional.

Sob a luz dos fogos de bengalas, esta apotheose que é trabalho artistico do sr. Reynaldo Scheffer e da graciosa senhorita Evelina Vieira, dilecta filha do coronel Benjamin, foi de um effeito surprehendente.

Foi um verdadeiro delirio quando o retrato do Exmo. Sr. Dr. Schmidt appareceu. As aclamações ao seu nome tocaram o auge. A banda de musica executou o hymno nacional.

Em seguida, proseguiu o programma que constava de recitativos por parte dos alumnos dos colle-

gios dirigidos pela propecta professora d. Adalza Simas Vieira, e o sr. professor Pedro Gonçalves.

Vinte e uma meninas, representando os Estados, disséram bellos versos á bandeira nacional.

O pastor protestante Sr. Julio Nogueira fez com muito brilho uma bellissima conferencia sobre a Republica, merecendo fartos applausos.

Seguiram-lhe com a palavra os Srs. Dimas Campos, Guedes da Fonseca, Alcides Garcia, Oscar Vieira e Marinho Cypriano que enalteciram as qualidades do Sr. Dr. Schmidt.

O Sr. Dr. Aducci, em bello e inspirado improviso, agradeceu ao povo de Camboriú as homenagens tributadas ao Sr. Dr. Schmidt e a sua pessoa. Disse ser justo o contentamento dos catharinenses ali reunidos para festejarem tambem a assignatura do accordo que vinha pôr termo a irritante questão de limites que tantas vidas preciosas custou á Patria,

Por entre ruidosos applausos terminou S. S. o seu discurso.

Em seguida teve lugar o baile, que foi bastante animado.

Na primeira quadrilha, dirigida pelo Sr. professor Henrique Midon, tomaram parte cerca de 70 pares.

O Sr. Dr. Aducci dansou com a senhorita Evelina Midon.

Mme. Alayde Aducci e Mlle. Alice Schmidt dansaram com os Srs. Flavio Vieira e José Renato de Souza.

O baile, que foi official, terminou ás tres horas da madrugada, reinando sempre o maior entusiasmo.

Ás 6 horas de 16, o Sr. Dr. Aducci e a sua comitiva deixaram a bella e prospera villa de Camboriú, rumando para Itajahy e Brusque de onde, via Nova Trento, retornariam á Florianopolis.

A «Phenix», léva ao Sr. coronel

Benjamin Vieira as suas felicitações pelo brilhantissimo de suas festas e agradece penhorada as gentilezas captivantes dispensadas ao seu representante ali.

A Festa da Bandeira

A Bandeira, o symbolo sagrado da Patria, foi cultuado com as maiores demonstrações de carinho em o dia 19 do corrente.

Ás 12 horas, foi a Bandeira, erguida em o palacio do Governo prestando-lhe continencias a briosa mocidade do Tiro 40 sob o commando do capitão Joe Collaço e uma companhia de guerra do Regimento de Segurança sob o commando do tenente Manoel Pereira da Silva.

A Bandeira foi erguida ao som do hymno nacional executado pela apreciada banda de musica do Regimento e cantado pelos moços do Tiro.

A essa mesma hora em todas as repartições publicas era hasteada a Bandeira, com a presença dos respectivos Chefes e Funcionarios.

Escola de Artifices

Os alumnos desse util estabelecimento de ensino primario e profissional, criteriosamente dirigido pelo nosso distincto conterraneo dr. Heitor Blum, após a cerimonia do hasteamento da Bandeira no edificio da Escola, fizeram, uniformisados e conduzindo cada um uma pequena Bandeira nacional, um passeio pela cidade, tendo cantado em frente a Palacio o Hymno da Republica.

A passeiata dos alumnos da Escola de Aprendizizes Artifices era precidida pela banda musical Commercial.

G. E. Silveira de Souza

Ás 10 horas esse importante es-

tabelecimento realizou uma festa escolar em homenagem á Republica e á Bandeira, a que concorreram além do representante do Governador do Estado, altas autoridades e exmas familias.

Bellas poesias foram recitadas e diversos hymnos foram entoados, notando-se o maior enthusiasmo na petisada.

Os exercicios de gymnastica foram muito apreciados pela prestesa e correcção com que foram executados.

Apresentamos as nossas felicitações a digna directora do G. E. Silveira de Souza, d. Sibylla Lobo Habérbeck e ao corpo docente pela bella festa de 19 do corrente.

G. E. Lauro Muller

A's 17 horas no Grupo Escolar Lauro Müller, dirigido intelligentemente pelo distincto professor Arlindo Chagas, realisou-se identica festa, tendo a ella assistido representante do governador, autoridades e innumeradas familias.

O programma organiado foi caprichosamente executado, sendo todos os alumnos que tomaram parte na festa, delirantemente applaudidos.

Enviamos parabens ao director e corpo docente pelo exito dessa festa.

Centro Civico Literario

A Festa no Alvaro de Carvalho

Esteve simplesmente encantadora a festa de arte que o Centro Civico Literario, a patriótica aggrmiação de moços, realisou, antehontem, no Alvaro de Carvalho, em beneficio de sua bibliotheca.

A's 20 horas, mais ou menos, com o theatro a regorgitar de familias e cavalheiros, teve inicio o

bellissimo serão com uma symphonia pela orchestra sob a regencia do mestre Alvaro Ramos Terminada a symphonia o presidente do Centro, nosso apreciado collaborador sr. Lirico, Caldara, explicou os motivos d'aquella festa e agradeceu o concurs que o povo vinha prestando ao Centro.

Em seguida o nosso illustre collega sr. dr. Ulysses Costa que, em linguagem elevada e bonita com maestria e arte disse a seguinte discurso:

Exmas. Senhoras.
Exmo. Sr. Governador do Estado.
Meus Senhores.

Os hellenos tinham a religião da Vida, da Força, da Belleza e da Arte. Na intensidade das suas batalhas, no fragor desses recontros epicos cujos echos a distancia de quatro mil annos não fez morrer ainda; quando partiam cantando nos seus barcos bizarras ao balanço suave das vagas sagradas do Egêo, os gregos não esqueciam nunca a harmonia das lutas, a elegancia dos contornos, o poder das emoções, o rythmo das fases e a audacia das idéas.

De tudo isto formava aquelle povo de soldados, de poetas e de philosophos o culto á Vida, fosse com Lycurgo ou Solon, com Socrates ou Leonidas, com Democrito ou Xenophonte, ensinava que a Vida é o mais precioso bem da terra, que é preciso engrandecel-a pela Harmonia, pela Belleza e pelo Amôr, illumina-l-a pela Felicidade, dignifica-l-a pelo Saber e divinisa-l-a na Mocidade, entre o verde dos pampanos, os perfumes das rosas e as alegrias olympicas.

E dessa religião da Vida, a contrastar flagrantemente com todas as outras religiões modernas, que são as religiões da Morte, nasceu o amôr pela Mocidade forte, augusta, sublime e patriótica, modelada pelos bustos de Appollos impeccaveis com os nervos de Hercules, graças á tyrania seccionista de Sparta que condemnava os inaptos á Belleza e ás alegrias de viver.

Os hellenos tinham razao.

A mocidade é a vida de todas as patrias; é o sonho de todas as grandezas; é o ideal, amplo, vasto, azul, bello e infinito, aberto a todas

as Virtudes e a todos os Sacrificios.

Sinto-me bem, fallando-vos da Mocidade.

Se a vida é uma ascensão pela montanha do destino de cada um de nós, eu já cheguei ao alto dessa montanha e descanso um pouco, arrimado ao bordão que me tem ajudado pelos caminhos, cheios de lama e cheios de pó, enquanto não começo a descer pela encosta de onde se avista o mar nebuloso da eterna noite e as terras do Nirvana, silenciosas, na ronda saturna dos espectros...

Dahi, desse pouso, que é o alto da montanha da Vida, — não sendo velho e não sendo moço, eu posso fallar á mocidade de uma terra que tem na sua construcção physica, na plasticidade das montanhas verdes e no balanço das vagas azues, as mesmas modalidades estheticas da patria dos hellenos, onde as almas assimilavam a belleza das paysagens, ficando até hoje nessas paysagens que o tempo tem mutilado, a belleza radiosa daquellas almas, cantando no silencio dos rochedos altos e na tristeza das ruinas magestosas.

No principio, disse o suave evangelista de Pathmos, em nome da sua religião, no principio era a palavra.

E' pela palavra que o Centro Civico, aggrmiação de moços abnegados, idealistas numa época de que se vive a dizer não comportar a flôr de de umas tantas illusões, é pela palavra que o Centro Civico empreendeu a nobilissima cruzada de reerguer ou despertar na consciencia da mocidade toda a grandeza dos sentimentos de élite que dignificam os homens no convivio dos outros homens e no serviço da Patria.

Diz-se que somos um povo em decadencia; que estamos afundados em um pantano onde tudo se tem polluido e onde naufragou o patrimonio das velhas virtudes da velha e nobilissima raça, de que somos a continuidade no tempo e no mundo.

E' o pessimismo dos Cassandras modernos que debalde annunciam a destruição de Troya...

O pessimismo ou é uma molestia de luxo, a molestia dos vencidos da vida; uma especie de snobismo de politicos blasés ou é o mal dos que se deixam vencer sem combater, sem lutar, na incapacidade de uma construcção solida, de um lance dominador e atrevido, e que se arras-

tam a corromper os outros com a sua tristeza, com a sua descrença e com a sua dissillusão, tristeza, descrença e dissillusão que amortalham todas as energias sãs e todos os impulsos elevados.

O Centro Civico quer e deve reagir contra esse estado d'alma que ameaça atingir a propria mocidade.

Não é mais tempo de sonhar, proclamam os pessimistas, entendendo que melhor é demolir sem construir e deixar que a Patria mergulhe na noite dos seus infortunios, até que uma revolução venha salvá-la com patibulos, fuzilamentos e expoliações.

Da França do Terror que fazia guilhotinar Lavoisier, quando o eminente sabio pedia que lhe dessem 15 dias de vida, apenas, afim de completar a descoberta de uma formula chimica; consagrando-os ao serviço da humanidade e da Sciencia, respondendo-lhe o juiz, esse torvo Coffinhal, que a Republica não precisava de sabios; da França que fez guilhotinar o artista delicado que foi André Chenier, e que fez cair na cesta do carrasco a bella cabeça de Camillo Demoulin, cujos labios gritavam um nome de mulher, porque a Republica tambem não precisava de poetas, daquella França ensanguentada e louca houve quem dissesse, que tinha o aspecto de um individuo que marchasse apoiado sobre a cabeça e raciocinasse pelos pés.

Pintam-nos assim, a raciocinar pelos pés, numa grande injustiça á nossa capacidade e á obra que temos realiado em menos de um seculo de vida nacional. Não temos ainda uma civilisação accentuada, nem uma raça distincta, nem uma vida organizada.

Somos um povo de hontem, uma nação que se está formando do caldeamento de diversas nações, mas já com um rumo certo e um destino assignalado.

Apenas amanhecemos, o que não é muito, porque ainda não começou a annoitecer nas velhas civilisações do outro lado do oceano, mesmo diante do morticinio collectivo que as ensanguenta e devasta; porque da luz dos incendios, dos relampagos dos bombardeios, das cathedraes que desabam, das cidades que se extinguem, das esquadras que se anniquillam, de toda essa allucinação de fogo e de sangue, alguma coisa de novo va surgir; talvez uma civilisação mais suave, mais humana, mais nobre e mais fecunda, como um milagre do céu.

pomba da alliança depois do diluvio, unindo os homens de todas as patrias e de todas as raças, no mesmo amplexo de amor e de paz, formando-se uma humanidade melhor, mais proxima de Deus e mais distante do Odio.

Não ha em toda a face da terra povos e homens sem erros, sem desvios, sem ambições, sem falseamentos nos principios de liberdade e de justiça.

Quatro seculos na vida de um paiz formam apenas umas linhas vagas e imprecisas de tradição; não bastam á estratificação de sentimentos collectivos.

Quatro seculos são 4 dias na eternidade dos tempos.

Em que espaço, em que cyclo se formou a civilisação romana?

Pergunte-se ás ruinas soterradas e aos vestigios que o povo rei deixou por todo o mundo antigo da sua capacidade e da sua força.

Quantos seculos custou a civilisação da Grecia? Que o diga a tradição dos deuses mytologicos.

De quantos milenios veio a civilisação egypcia?

Que fallem os monumentos de granitos na sua attitude eternamente contemplativa.

E ha 4 seculos somente, o mystico Infante do montiçulo de Sagres teve o sonho de rasgar através do grande oceano tenebroso, povoado de monstros e povoado de lendas; o caminho por onde pannejou ás rajadas de todas as latitudes e á luz intensa de todos os sóes, em busca de novas terras e de novos mundos, o velho pavilhão das quinas invictas, arrancado da lança de ferro do Condestavel e posto no alto das fragatas da Navegação e da Conquistal

Nascemos desse sonho e a nossa evolução se vem desdobrando, em tão curto espaço, sem hiatos que nos envergonhem e nos abastardem.

Se nem accentuamos ainda a nossa formação ethnica, como desejam os pessimistas que tenhamos uma civilisação propria, definitiva; que não tenhamos erros politicos, tumultos de ambições, choques de vaidades, se tudo isto, culpas e erros, constitue á fatalidade inevitavel das contingencias humanas?

A metropole portugueza nos legou é certo, uma grande Patria, mas em lamentaveis condições de retardamento no caminho do progresso e habitada por um povo de analfabetos.

Alem do analfabetismo, a escla-

vidao, corrompendo os costumes, vitando o trabalho, humilhando homens e almas.

Se é certo que cada individuo traz no sangue o germen da propria destruição, nós traziamos no proprio organismo---o analfabetismo e a escravidão---como as causas da nossa estagnação, enquanto em torno de nós se agitavam nas pugnas da Independência todos os povos neo-hespanhóes.

A emancipação dos Estados Unidos levada a effeito pelo immortal Washington, a revolução franceza que foi a revolta de opprimidos de seculos, não conseguiram provocar-nos um gesto decisivo pela Independencia.

Das encostas por onde vinham rolando até nós os echos desses movimentos, nasceu apenas o fio tenue da Inconfidencia, que terminou com a tragedia de um patibulo e com a deportação de poetas, cujos versos repetimos hoje na melancolia que esse passado nos desperta.

Depois, talvez pela influencia das accões gloriosas de San Martin e de Bolivar, os libertadores do continente, surgiu a corrente pernambucana de 1817 e, só mais tarde, aquella fio tenue da Inconfidencia, nascido nos contrafortes da Villa Rica, e essa corrente que brotara do solo dos canaviaes, embebidos ainda no sangue dos soldados vencidos da Batavia longinqua, juntaram-se na confluncia triumphal de 7 de Setembro de 1822, desaguando no grito de Independencia ou Morte, ao impulso da rebeldia filial de um principe arrebatado e estroina.

Até 1889, mantivemos a integridade nacional; fizemos passear os nossos exercitos e as nossas esquadras pelos campos e pelas aguas das republicas vizinhas, libertando povos e derrubando despotas; canalizamos todos os nossos esforços e todas as nossas energias no rumo dessa nefasta politica internacional que engrandecia os povos limitrophes, nos dava triumphos retumbantes e tropheus preciosos, mas nos fazia esquecermos de nós mesmos; dos problemas economicos e sociaes que diziam com a nossa vida e a nossa grandeza.

Fizemos a libertação dos escravos, impondo-a ao governo e ao parlamento num movimento de ruas, numa agitação que é um dos mais bellos feitos de nossa evolução social. Mas ficamos analfabetos, sem vias de comunicação, sem portos, sem dar ao povo a consciencia da nacionalidade

que só pode ser despertada pela luz radiosa que vem do A B C e que se derrama sobre as almas como a luz do sol se derrama pela terra.

A Republica vai corrigindo os erros do passado.

Ainda somos talvez, para ventoinha nossa, 18 milhões de analfabetos, mas o impulso está sendo dado em bem da nossa remodelação. O actual movimento pela defeza nacional, a acção dos governos em face do problema da instrucção publica, as construcções de portos, o avango das vias ferreas, o cuidado e o estudo que despertam todos os assumptos economicos, bem mostram que em 27 annos de regimen republicano, mesmo com tantos erros, vamos accentuando melhor os nossos destinos.

Leibniz dizia que pela educação se pode transformar um povo em 100 annos.

Como desejar que nos transformemos em um quarto de seculo?

Nós outros, os que trabalham hoje, os que lançamos á terra a semente dos nossos ideaes, dos nossos esforços e do nosso patriotismo, talvez não vejamos a folhagem das arvores que vão surgir, nem lhes colhemos os bellos fructos.

Trabalhamos e lutamos com o olhar fixo numa manha muito distante, reservando aos que tem de vir depois de nós a felicidade que sonhamos. E assim deve ser, porque a Patria não tem solução de continuidade no tempo e no espaço; é nossa como foi dos nossos antepassados, como ha de ser de todas as gerações que surgirem depois de nós.

A mocidade tem no presente momento, que pode ser qualificado de renascença nacional, uma grande missão a desempenhar e um bello destino a realisar.

Deve instruir-se na escola, na caserna e na officina; deve tomar a vanguarda de uma propaganda systematisada de amor á Patria, ao Trabalho e ao Saber, porque dahi surgirá um Brazil novo, respeitado e forte.

Moços!

Os celtas primitivos julgavam ouvir no rumor do vento na copa da folhagem dos carvalhos sagrados, no fragor das ondas que morriam nas pedras abruptas das costas inhospidas e no ribombar dos trovões no alto das nuvens, a voz de amor ou de odio dos seus antepassados,

Não escuteis as vozes do passado

senão pelo respeito que devemos tributar a todas as coisas extinctas.

Ouvi os reclamos de hoje e auscultae os anseios do porvir.

Olhae as bandas do Levante. Amanhece. Fazei subir ao céu o fumo das chaminés das locomotivas e das officinas; abri os livros diante de todos os olhos e fazei ouvir por todos os recantos da Patria o som das theorbas da vossa Fé, do vosso Sonho e do vosso Amor, saudando o novo sol que desponta, o novo dia que chega e a nova alma do Brazil, que vibra, palpita e canta na alegria triumphal da Vida, da Esperança, do Progresso, da Ordem e da Paz!

Uma prolongada salva de palmas cobrio as ultimas palavras do orador.

Adolpho Mello, o festejado maestro patricio, fez-se após ouvir no seu magico violino, executando dois bellissimos solos, que arrebatou o auditorio.

Am la resoavam os applausos quando se apresentou a scena o nosso estimado confrade deputado sr. Joe Collaço que recitou com arte um soneto e um monologo.

Após o quartetto Carlos Gomes composta dos srs. João Barbosa (flauta), Arthur Freyesleben, (piano) e Djalma Moellmann e Djalma Gama d'Eça (violino) executaram admiravelmente uma parte do *Fausto*

João Crespo, o primoroso sonetista catharinense, recitou versos seus, que muito agradaram.

Amphilochio Gonçalves, em brilhante discurso repassou os vultos da nossa historia e terminou com uma saudação aos voluntarios catharinenses.

A apreciada banda de musica do Regimento de Segurança encerrou a primeira parte do programma com a execução de um trecho do *Guarany*.

Após pequeno descanso deu inicio a segunda parte uma symphonia pela orchestra.

O nosso operoso confrade dr. José Arthur Boiteux leu, então, a sua aprimorada conferencia sobre Annita Garibaldi, a heroica catha-

rinense que tornou-se crêdora da gratidão de dois povos.

O distincto historiographo foi, como bem merecia, delirantemente applaudido.

O maestro Raymundo Bridon executou, em seguida, com extraordinario brilho um solo para violino.

João Assis recitou com muita verve e gosto a poesia *Tres irmães* de Luiz Delfino.

João Barbosa fez com galhardia um solo de flauta.

Oswaldo Mello, recitou muito bem a poesia *A Morte*.

Adolpho Mello, mais uma vez encantou a assistencia com a execução magistral de um outro solo de violino.

Alberto Barbosa, o nosso dedicado companheiro de redacção, disse bem um soneto.

A banda de musica do Regimento fechou com a chave de ouro o programma executandô um escolhido trecho de opera.

A enorme assistencia não regateou applausos a todos os numeros.

As delicias do noite couberam ao nosso estimado companheiro Tisiano Basadona bue caricaturou, com àquelle *chisté* com que elle sabe fazer ao corte, do *fusin* caras e caretas, todos quantos tomaram parte no programma, tendo alcançado verdadeiro successo ás caricaturas de Laercio, dr, Ulysses, Joe Collaço, João Assis e Adolpho Mello.

O habil caricaturista cá de casa lavrou um tento nessa festa encantadora.

Haroldo Callado encarregou-se de apresentar ao publico os que vinham ao palco. Desempenhou bem optimamente mesmo o seu papel.

Todos os acompanhamentos foram feitos pelo habil musicista sr. Arthur Freyesleben.

A Phenix apresenta a digna directoria do Centro as suas sincerns felicitações.

Congresso Representativo do Estado
A sessão solemne

Teve logar no dia 24. do corrente a sessão solemne de instalação do Congresso Estadual que se reúne extraordinariamente para tratar da ratificação do accordo que põe termo á velha questão de limites que mantinhamos com o Paraná.

A's 12 horas d'aquelle dia, com a presença de 20 srs. deputados, assumiu a Presidencia o Sr. João de Guimarães Pinho, occupando as cadeiras de 1º e 2º Secretarios, respectivamente, os srs. Marcos Konder e Arnaldo S. Thiago.

Declarada pelo Sr. Presidente aberta a sessão, foi lida a acta da sessão anterior, sendo, sem debates, approvada. Em seguida o Sr. Presidente suspendeu a sessão até a chegada do Exmo. Sr. Governador do Estado.

A's 13 horas dava sua ex. entrada no Palacio do Congresso acompanhado de seu ajudante de ordens, sr. capitão Godofredo de Oliveira.

O carro da primeira autoridade do Estado chegou ao Congresso escoltado por um piquete de cavallaria, tocando por essa occasião a banda do regimento de Segurança o hymno do Estado.

Introduzido no recinto por uma comissão para esse fim especialmente designada, o exmo. snr. Governador tomou assento na Mesa ao lado do Sr. Presidente que solememente declarou installado o Congresso do Estado.

A essa hora o amplo edificio regorgitava de convidados, autoridades federaes e estadoaes, representações, etc.

No meio de geral anciedade o exmo. sr. Governador começou a leitura de sua mensagem sobre as negociações preliminares entabuladas com o governo do Paraná para um accordo honroso que puzesse fim á velha questão de limites.

Sua ex. expoz com lealdade to-

dos os pormenores do accordo, mencionando a sua mensagem os mais francos encomios.

Terminada a leitura desse documento official, retirou-se sua ex. com as solemnidades do estylo.

Depois de encerrada a sessão do Congresso, foram os srs. deputados encorporados levar cumprimentos ao chefe do Estado, prestando continencias em frente ao palacio do Governó, aos representantes do povo, uma companhia do Regimento de Segurança e executando por essa occasião a banda de musica do mesmo regimento, o hymno do Estado. Recebidos no topo da escadaria do Palacio Governamental pelo capitão Ajudante de ordens, foram introduzidos no salão nobre onde os aguardava o exmo. sr. Governador acompanhado dos srs. Secretario Geral, chefe de Policia e outras auctoridades.

Ahi o Sr. João Pinho, Presidente do Congresso saudou sua ex. em nome do Congresso proferindo um bello discurso que mereceu prolongada salva de palmas.

Respondeu o Exmo. Sr. Dr. Felipe Schmidt em palavras cordialissimas, o brinde do sr. João Pinho, sendo tambem ao terminar muito applaudido.

Depois foi servida uma taça de champagne, estabelecendo-se uma rapida palestra entre os presentes que logo após retiraram-se com as mesmas formalidades.

Poranduba Catharinense

(Continuação)

Proseguimos na faina gostosa de apresentar aos leitores a serie de xcaras, rimances ou *casos rimados*, por mim colhidos entre as nossas populações litoraneas, escassos remanescentes da farta herança dos seus antigos colonisadores: os açaritas e madeirenses.

O caso que se segue foi colhido em Canasvieira, na Ilha

Faustina

---"O' minha filha Faustina,

tão fina, tão afidalgada, tu não serás minha filha, mas és minha namorada".

---"Não permita, Deus do céu, nem a hostia consagrada, que eu sendo sua filha, seja sua namorada".

---"Mandeí fazer uma torre, que sol nem lua veria, para te botar, Faustina, sete annos e um dia.

A carne que tu comeres deve ser carne salgada, a agua que tu beberes, o suor que tu botares.

Que me der agua a Faustina terá a cabeça cortada".

---"O' irmã de minh'alma, manda vir um jarro d'agua, que eu tenho os bófes seccoos e minh'alma desapartada".

---"Oh! irmão da minh'alma, eu não te posso dar agua, que nosso pae nos jurou,

pela cruz de sua espada, que quem der agua á Faustina terá a cabeça cortada!

Manda pedir á mamãe, que ella te manda dar agua."

---"O' minha mãe da minh'alma, manda vir um jarro d'agua, que eu tenho meus bófes seccoos e minh'alma desapartada..."

---"Minha filha da minh'alma, eu não te posso dar agua, que teu pae me jurou, pela cruz da sua espada,

que quem der agua á Faustina, terá a cabeça cortada." Manda pedir a teu pae que elle te manda dar agua."

---"O' meu pae da minh'alma, mande vir um jarro d'agua, que eu tenho meus bófes seccoos e minh'alma desapartada.

---"Vá um num copo de vidro, outro num copo doirado, vão dar agua á Faustina, Faustina a malfadada.

Vão chamar o sangrador p'ra Faustina ser sangrada..."

---"Não me sangrem a menina que ella se sente pejada..."

---"Sete carradas de lenha, p'ra Faustina ser queimada..."

---"Não me importa que me queimem nem que se vá a queimar, Tenho pena só do meu sangue que o vento vae carregar..."

---"Corre, corre meu cavallo, que as pernas te hão d'ajudar, Uma viagem de oito dias, numa hora vaes a chegar..."

(Continúa) **Lucas A. Boiteux**

Musa em proverbios

(Para o Laercio Caldeira)

I

«Quem espera sempre alcança»
Diz popular annexim;
Eu já perdi a esperança
De me queres a mim.

II

«Amor com amor se paga»;
Que mentiroso rifão! ...
De quem se quer e se afaga,
Só se tem a ingratidão.

III

«Mata caça quem porfia»;
E' falso tal preconceito;
Eu porfio noite e dia,
Mas não vejo nada feito.

IV

«Quem canta seu mal espanta»;
E a cantar qual trovador,
Chego a seccar a garganta
Sem ver morta a minha dor.

V

«Pelos olhos se conhece
Quem tem maldade». Pois bem;
Si assim fosse, me parece,
Não olharias ninguém.

VI

«Quem da vista longe vive,
No coração não se põe»;
Perto ou longe nunca estive
No de quem que amar suppõe.

VII

«Não ha bem que sempre dure,
Nem ha mal sem ter um termo»
Eu, por mais que o bem procure
Neste afan de pobre enfermo;

VIII

Magoa e dores, pranto ardente.
N'almas todas vejo em summa,
Que a ventura, minha gente,
Não se encontra em parte alguma.

XI

«Bem ama quem se esquece»;
Sentença quasi illusoria;
Ha alguém que me aborrece
E me traz sempre em memoria.

X

«Por bem fazer mal haver»;
Fala certo este ditado,
Eu, por muito te querer,
Vivo sempre maltratado.

XI

«Nm dia, dizem, è da caça,
Outro è de quem n'a quer»;
Eu, por mais que a mira faça
Ao coração da mulher,

XII

Vejo-a sempre me escapar
Com tal orgulho e desdem,
Que não mais hei de atirar
Ao coração de ninguém !

S. Paulo—20 9—916.

F. Wanderley

Vegetarismo

Ha um risinho que custa supportar, aquelle que preguicia o rosto dos que ouvem, incredulos, as palavras-plataformas dos nossos ideaes.

Custa a supportar. Isto custa.

O meu vegetarismo provoca esse riso. Que fazer? Vencel-o. Eis tudo.

Supporta-o com o genuino stoicismo que a certeza da verdade do meu systema me dá, e me anima, e porque, a causa do Naturismo sacode-me os ouvidos com as palavras divinas ao Tribuno Isaias: clama, não cesses.

Pessoas conheço que não toleram o regimem natural. O postigo tornou-se-lhes a realidade. Revoltam se quando alguém lhes diz que não se alimenta de cadaveres e não bebe sangue dos animaes.

Para esses veiu-me o desejo de ser-lhes util, iniciando na brilhante Bradam que o açougue é a vida e o magarefe seu dispenseiro.

Outras pessoas, porem; indagam da fé vegetariana, confrontam e deduzem, pasmando quando se lhe diz que o vegetarismo è velho «tem titulos authenticos de nobreza prolongada durante gerações sem numero, respeitado nas mais altas civilisações em cujas superiores aspirações collaborou, diffinindo-as eloquentemente pela voz das suas

mais bellas e autorizadas individualidades e corroborando-as ardentemente pelo exemplo dos seus mais devotados apostolos».

Para esses veiu-me o desejo de ser-lhes util, iniciando na brilhante *Phenix*, essa modesta secção vegetariana, onde se respondeá a propaganda das ideas naturistas.

Vegetus Junior

N. B. Castas à „Phenix”

Apenas como senhor dos mais humildes deveres do presente poderás tornarte rei do futuro.

Deputado Arnaldo Santiago

Deu-nos o praser de sua visita o nosso talentoso confrade sr. deputado Arnaldo Claro de Santiago, aquem nos confessamos gratos por mais essa prova de captivante gentileza.

Agradecimento

O sr. Coronel André Wendhausen teve a nimia gentileza, de vir a nossa redacção apresentar-nos os seus agradecimentos pela noticia que publicamos do consorcio de sua gentil filha Alice com o sr. Oscar Brito.

Gratos

Os voluntarios conterraneos chegam

Da Capital Federal onde estiveram incorporados ao Exercito nas grandes manobras realizadas ultimamente, chegaram os voluntarios que d'aqui haviam seguido.

No batalhão em que estiveram servindo deixaram registradas excellentes notas de seus serviços.

A disciplina, a ordem, e os exemplos frisantes de verdadeiros soldados que lá deixaram não só mereceram os elogios de seus camaradas de armas cariocas e paulistas, como de autoridades superiores do Exercito.

Nem mesmo era de esperar outra cousa d'esses moços, quasi todos atiradores do nosso «40» onde receberam as devidas instrucções militares.

A chegada dos jovens patricios corretem os seus camaradas do Tiro, altas authorities civis militares e grande massa popular que os aclamaram.

Em nome do Tiro fallou o 1º sargento Oswaldo Mello.

A banda de musica do Regimento de Segurança apesar de se fazer demorar compareceu á hora

que os voluntarios desembarcaram.

Em frente a palacio uma comissão foi cumprimentar á S. S. Dr. Governador que a agradeceu com palavras confortantes e patrioticas.

No Quartel do "Tiro 40" foi pelo conselho Director servido um abundante copo de serveja, reinando a mais estreita cordalidade entre os atiradores que não cançavam em vivarem o Brazil e o Exército.

Fallaram em frente ao Quartel, os Drs. Pedro Taulois e José Boiteux.

A Phenix abraçando os jovens patricios, da-lhes parabens pelos brilhantes successos alcançados.

Festa de Santa Catharina

Com toda a solemnidade realizou-se, hontem, na Cathedral, a missa solemne em honra á Santa Catharina, padroeira do nosso Estado, sendo celebrante o monsenhor Francisco Fopp, cura da Cathedral, acolytado, pelos revs, padres dr. Zuber, director do Gymnasio Santa Catharina e Guilherme Farinha, Capellão da Irm. dos Passos.

Ao Evangelho, o illustre orador padre Manoel Gonzales occupou a tribuna sagrada fazendo importante sermão historico sobre Santa Catharina. O exmo. Sr. Bispo Diocesano assistio ás ceremonias do solio episcopal, donde deu a bençãam aos ouvintes.

O acto foi muito concorrido notando-se a presença do sr. dr. Governador do Estado acompanhado de seu ajudante de ordens, membros do Superior Tribunal de Justiça do Congresso Representativo do Estadõ, altas autoridades, associações religiosas e numero crescido de exmas familias e cavalheiros.

O acto foi abrilhantado pela excellent banda de musica do Regimento de Segurança.

Almirante Pinto da Luz

Passa amanhã a 13º anniversario do fallecimento do nosso distincto conterraneo Almirante José Pinto da Luz, gloria da marinha brasileira. Nasceu o bravo patricio nesta capital, em 1844.

No posro de 1º tenente tomou parte na Guerra do Paraguay, na qual muito se distinguuiu por sua intelligencia e bravura.

Durante a presidencia Campos Salles occupou a pasta da Marinha, empregando todos os esforços para o augmento de nossa esquadra. Possuía o habito de Christo e era cavalheiro da ordem de S. Bento de Aviz. Falleceu no Rio de Janeiro, a 27 de Novembro de 1903.

Centro Civico Literario

Muitos applausos merecem os esforços que os moços do Centro Civico tem empregado, no sentido de roubarem á solidão do gabinete um grande numero de conterraneos illustres. O interesse pelas cousas d'arte vac tomando, nesta Capital, um entusiasmo louavel.

Na semana que corre, occuparão a tribuna do Centro, quinta-feira, o illustre deputado homem de letras Arnaldo Santiago, sabado o delicado poeta João Crespo fará a delicia dos habitues da sympathica associação.

O dr. Correia de Mello, á chamada foi medicar, uma féra, no circo de cavallinhos.

Em dado momento, os animaes furiosos ameaçaram a integridade physica do distincto funcionario federal, que deu ás de Villa Diogo. «Sim, meu distincto amigo, fugi, disse elle, porque sou veterinario e não domador de feras...

O Perfume imperecível

(Leconte de Lisle)

Se um dia a flor do sol, a rosa de Lahor
De sua alma o dorante encheu bem lentamente
O frasco de crystal, de argilla ou de ouro, agente
Pode todo o entornar no solo abiasador.

Podem os rios, pôde o amor se sobrepôr
Do santuário estreito onde ella foi presente;
Ao quebrar e conserva o aroma transparente,
E ha poeira feliz o trescalante odor,

Já que do peito meu pela ferida hiante
Assim te escôas tu licor inebriante,
Ineffavel amor de minha perdição,

Seja-lhe o mal perdoado e o meu soffrer benedicto !
Através da hora humana e do tempo infinito,
Satura-me um perfume eterno o coração !

Lucio de MENDONÇA

Longo deserto

Já se me toma ainda mais lento,
E não venci meta-le do deserto;
O meu olhar, o meu olhar aberto
Encherga apenas o areal poente,

Faltam-me as forças. Caio. Digo um lamento.
Do somno da fadiga alfim de desperto
E o corpo levantando e a passo incerto
De nosso caminhar, cansado, intento,

Em deserto arenoso e largo e immenso,
Cheio de sol de fogo muito intenso
A nossa vida inteira se resume,

Abre-me os braços, minha bôa amante !
Dá-me, a mim, fatigado, viajante,
Um oasis de carne e de perfume....

Gastão BOUSQUET

O vulcão

Rebonha com fragor o amago da Terra,
O sólo treme; treme o cimo alcantilado;
E uma luz infernal, no pincarô isolado,
Annuncia o vulcão e os olhares aterra.

Cresce o fragor; a luz cresce incediando a serra;
De dentro da cratera é logo arremessado
Um mar de lava e cinza, um oceano abrazado,
Que a destruição e a morte em seu percurso encerra,

E o monte em fogo arqueja, arde, palpita, aneia,
Tal como um coração que o desespero irrita,
Como uma alma de raiva e de pezares cheia.

E' que o vulcão sinistro é o emblema da guerra
Que o Planeta ao homen faz e ferozmente agita,
Por vê-lo triumphador escravizando a terra.

Reis CARVALHO

A esphyng

Quiz possuir uma sphyng e fil-a grave e escura,
Na pedra millenar, sobre o areal infinito,
Recompuz o pavor pharaonico do Egypto
E cerquei de alusões a lurida figura.

A's vezes a arenosa e intermina planura
Lembra o inferno a acolher a alma de um rei precito,
Solemne e muda, então, a sphyng, no seu rito,
Fica um marco de união entre o sonho e a loucura,

Mas n'outras occasiões o granito se anima,
A sphyng torva e fria accorda e eis que palpita,
O mysterioso olhar movendo para cima.

Vida ephemera e vã! Sò o poeta não se illude:
E's tu, sou eu, é o nosso amor que a sphyng afflicta
Guarda dentro de si como num ataúde.

Felix PACHECO

A Massambú

(Fragmento de um livro inedito)

por

Insulano (Dr. Duarte P. Schutel)

II

Tres dias em
Massambú

«Nous prendrons les goûts du village;
Le jour naissant s'éveillera;
Le jour mouvant sous le feuillage
A notre couche nous rendra:

Viens aux champs couler d'heureux jours
Les champs ont aussi leurs amours»

---E o senhor não me quer dar elle para o ter comigo. Pois olhe, eu já tinha fallado com minha mulher, disse o E... e ella estava concorde comigo para o adoptarmos e dar educação:---eu estimo muito a este menino!

---Ah! Sr. E..., não me falle mais n'isso, respondeu o bom homem com a voz alterada e as lagrimas quasi arrebatando-lhes dos olhos:---a gente é pobre, sim, mas não deixa de ter seu coração; nós passamos bem mal, é verdade, porque eu sosinho não posso ir á pescaria e acudir á roça; e demais, o senhor sabe que o patrão nos deixa morar n'este engenho para lhe tirar madeira do matto, e como é que se ha de viver assim?---Os outros pescam, e suas mulheres vão á roça por elles, mas todo o trabalho é seu lucro, e eu? Eu, tres dias na semana é para cortar madeira para o patrão, nos outros dias quando é tempo apanha-se algum peixe para casa, e esse pequeno roçado que o Senhor vê, apenas chega para dar alguma coisa de vestir.---Mas agora então, Deus Nosso Senhor me deu esta molestia que me poz em casa já vai para um mez, e que eu bem vejo que nunca mais me deixará. Ah! Sr. E..., é bem triste ver-se um homem assim sosinho e pobre sem ter que dar a sua mulher e a seus filhos! Por mal de meus peccados ainda adoce a pequena e ahí está com febre.---E agora, diga, senhor, como hei de eu ter animo de me separar de meu filho, ---que é

meu unico alivio quando olho para elle!

---Contadinha! E quem sabe o que será d'elle um dia, disse sua mãe quasi atazada em lagrimas.

E foi então que olhei para ella e vi que o menino tivera a quem sahir ao lado: é admiravel como por aqui na roça se vê tanta beleza peregrina e pura no typo, inda que algumas tostadas dos soes.

Commoveu-me a miseria d'essa pobre gente e comprehendí que fôra cruel separal-os de um objecto tão querido: porque trazer um novo motivo de desgosto a entes já tão desgraçados?

---O Sr. D... quer ver minha filha? disse-me a mãe d'ella tomando-a nos braços.

---Sim, vamos vel-a.---Examinei-a, por commemorativos ao obtive uma longa historia de quebrantos, máo, olhados, buxarias, e afinal o terrivel mal da terra que sempre encontrei pela Pinheira fazendo estragos estupendos.

O mal da terra sabia eu onde estava, e quanto aos accessorios de feitiços, os desfizemos nós com uma boa dóze de gargalhadas, o que, seja dito não os perdeu de reputação no espirito do bom homem. Declarei que não ensinaria cousa alguma sem que primeiro me promettessem executar algumas ordens.

---Tome essas esteiras que ali stão, veja um pedaço de corda e traga aquella escada de mão. Vamos pendurar do tecto n'aquelle canto em que está tudo mais sã, estas esteiras de modo que se faça uma especie de quarto... ande.

Assim o fizemos, e estando improvisado o quarto, arranjamos como pudemos uma cama alta do chão, e só então ensinei os cuidados que se devia ter com a menina, e disse ao E... que podiamos ir, pois se tornava tarde.

O Sr. D... não quer um pouco de café? E' daqui de nossa plantação e é bom; felizmente este anno nos deu bastante de boa qualidade.

Acceitamos, e depois de tomal-o, não sem ter feito uma pequena caretá pois o elogio fôra immerecido, nós nos retiramos, desejando saude e paz aos pobres que vivião em tanto abandono.

Attravessamos de novo a povoação, despedindo-nos de seus habitantes, e tomamos a praia: o sol já ia baixo e quasi a esconder-se.

E' bem desgraçada esta gente, disse eu em caminho: quanto não poderia ser felizes se soubessem aproveitar o que a natureza lhes concede! Terras leiteis em excesso e para todo o genero de plantação, clima magnifico, agua em abundancia: tudo lhes é favoravel; mas uma intelligencia e um já enraigado desanimo tirao-lhes as forças e os levão a cuidar do dia de hoje e esquecer tudo o mais. O abandono de vida em que se deixao os habitantes de nossa linda provincia, eu sei d'onde elle vem: a culpa de nossa pobreza desce de bem alto, e lamento não existir uma voz que possa mostrar e desvulgar em que nos lanção, e fazer remediar tamanho mal. Os homens da roça, comprehenderao que lhes fôra muito trabalho assiduoso quando a capital lhes não podia pagar os esforços: o mercado é nullo; depois essas leis ou arbitrariedades estupidas de recrutamento e do serviço nacional e de inumeras vexames que pesão sobre essa gente, os desgosta da vida e os desanima. Tu bem vêst: na cidade mesmo o commercio é paralisado por mil obstaculos que ninguém se dá ao trabalho de remover: ideias que poderia trazer forças á terra cabem diante da terrivel pobreza dos outros provincianos: a amara cruz dos orãos á espera que lhe venha dinheiro da provincia, esta conta com os soccorros da ramara para obter os meios de enriquecer, e o governo segue seu caminho de progresso espantoso, sereno e calmo.---as sinecuras brotao sobre os passos dos filhos da fortuna---as provincias que tem rendas que lhes bastão recebem adjutorios exorbitantes---e a provincia de Santa Catharina dorme descaçada e magra bem segura de que lhe não virão perturbar o sono---porque nem sequer tem um deputado que a apresente ao governo---e este, com tantos cuidados, não se pôde lembrar de todos.

Eis ahí porque o povo e todos desanimam. Falle-se n'um projecto, n'uma ideia de interesse immediato, seguro e palpitante, e de todos os lados respondem logo---ora, isso, não é para aqui não se fazem outras cousas, quando mais isso! Vamos nos contentando como que ha, que não é pouco.---Ah! está; como um homem não se ha de zangar vendo quasi todo o resto do Brazil progredindo---e morrer abandonado este canto talvez seu mais precioso pedaço?---Ah! Desabafei; fallei como oppositor preterido pela Fa-

culdade:--e o pobre do E... ouviu-me bem serenamente como se eu tivesse acertado em tudo; é que elle via bem a verdade d'essas queixas.

--E verdade, D... se as cousas andassem de outra maneira, os homens podião trabalhar muito e nossa terra havia de ficar bem boa; olha, eu vou te mostrar como se faz tanto quando se é animado. Vamos por aqui para visitarmos o compadre Chico Pereira.

Seguimos pelo atalho por onde os tropeiros haviam sahido da praia e a perdemos de vista. O campo ficava a nossa direita e em breve atravessamos a estrada geira e continuamos para o centro. Já o dia começava a terminar e só nos alumava o clarão do crepusculo; o canunho era tortuoso e ora viamos estender-se o campo n'uma planície immensa e dominávamos a paisagem de cima de um outeiro, ora seguíamos silenciosos por uma aberta entre a espessura d'uma selva, onde a escuridão era intensa pelas arvores que cenavão-se a tapar o caminho como uma aboboda; ali o silencio era maior e mais sombrio pelo bater das arapongas, e pelo gemer das rôlas e pelo gasnar das ras nos charcos e os silvos das cobras: o aroma era esquisito e abafado.

E fomos seguindo em direcção a um monte; em cuja encosta já de longe eu via branquejar uma pequena casa; ás vezes a perdíamos de vista pelas voltas que fazia a estrada, ás vezes parecia que só algumas brancas de mato nos separavam d'ella. Finalmente atravessamos uma roça extensa e no fim começamos a subir pelo monte. Ahí na lombá, em uma pequena esplanada que sobresahia na descida; estava levantada uma linda casinha, caiada, edificadá com gosto, inda que tambem fosse coberta de palha como as outras. Um mimoso jardim cercava a casa com flores esquisitas e plantas exóticas que o Chico Pereira escolhera nos matos e para ali transplantara, na posição em que se achava, a casa gosava de um ponto de vista soberbo:--toda a planície do campo, o mar entestando com o horizonte, as montanhas estendendo-se a sumir-se de um a outro lado e esguio e feio o Morro dos Cavallos levantando-se sobre as raizes da Serra do Taboleiro que o sustentavam e o Massanbú como uma serpente de placas brilhantes de prata fugindo sereno a seus pés---e lá da extrema do campo, á esquerda, o fumo que subia

direito e esbranquiçado da casa da passagem:--e por cima da paisagem carregada já de escuro o céu limpido e azul inda se corava de rosas ao occidente e já esbranquecia a luz pallida do luar que da banda do horizonte se levantava.

Oh, compadre, por cá? Pensei que não viesse hoje; tardarão tanto; Sr. D..., entre, faça favor, descauce, então por onde foi o passeio? Vierão de casa?... não:

--Ora fomos á Pinheira e a velha ama nos contou la umas historias que nós tomarão um tempo enorme. Então como vai o compadre? Como vão os pequenos?

--Vão bem; oh mulher. Traz os pequenos para o Sr. D... ver; elles passarão muito bem, estão inteiramente bons.

--Ora estimo, disse eu, são bem galantinhos e era pena vel-os padecer assim.

E continuamos a conversar por algum tempo sobre uma proxima corrida de cavallos; e a festa que se fazia d'ahi a pouco no *Sentão*, e da qual o Chico Pereira era o juiz. Quando nos iamós retirar elle nos pediu que esperássemos para tomar café; com effeito eu o tomei de bom grado porque o cheiro indicava superior qualidade e eu esperava vingar-me do que me haviam feito tomar na Pinheira. Depois de mais dous dezos de conversa a noite já ia cerrada, e nós nos puzemos em caminho de volta. Por algum tempo fomos seguindo por trilhos escuros e feios, cujo silencio e sombras incutião pavor; mas logo a lua começou a desembaraçar-se das nuvens, que a cubrião e sua luz amotecida nos trouxe todo o encanto da viagem por essas devezas de bosque ao calor da noite.

Deixamos os cavallos seguirem a passos:

O E...começou a cantar uma cantiga da roça e sua voz se alongava ondulante e triste pelo silencio d'quelles lugares; eu inclinei a cabeça no peito e caí no doce sonhar em que me lanço n'esses momentos de poesia e natureza.

Se eu fora poeta pouco escreveria, porque levará mais tempo a gozar do que a fazer gozar aos outros, e mesmo n'esse amor ás letras, que tu dizes que eu tenho, debes ter visto, que gasto mais a vida em apreciar o alheio do que em fazer eu proprio alguma cousa; póde ser que minha inveterada preguiça tenha alguma parte n'isso,

mas o certo é, que não fosse o compromisso serio em que me empenhei, nem teñas hoje estas notas de meus passeios, em continuação do livro de minha vida.

Muita cousa pensei eu nesse curto caminho; muito sonhei que sonhei por tão lindos sitios; muita scisma que scismei de desejos e esperanças, de saudades e de pesares,--ao sentir a brisa da noite passar-me fria pela face ao morno silencio do luar!

E só de quando em quando é que passava triste á lembrança de minha pobre mã! E só n'um ou n'outro instante é que me recordava de meu pai!

E entetanto eu scismava.... e scismava em alguem.

Como é doce deixar perder-se assim o imaginar em sonhos, ao luar, pelos matos, ao passo sonoro do cavallo e ao dormir da noite!

Quando alguma nuvem vinha encobrir a lua, ao ver aproximarem-se e fugirem os vultos negros das arvores, ao ouvir o lamento tristonho da rôla e ao estalar lugubre das pisadas do cavallo sobre as folhas seccas, parecia que fazia uma viagem phantastica em mundos desconhecidos e rolávão-me na mente sombria essas visões de Hoffmann, esses espectros névoentos da noite de Sabath no Faust de Goethe.

E depois quando a nuvem passava, era como um acordar vagaroso de fundo pezadelo, era o aproximar de uma harmonia suave; que se apoderava de nuvens sentidas, e então lembrava-me Romeo em seu amor desesperador de saudade; nas molles ondas de pallidez com que a lua banhava as selvas, eu via deslisar-se a sombria de Branca, a filha do Bobo; via o sorriso da amante pura de Chatterton; era a agonia e o pranto de Delorme extorcendo-se á morte de Didier; era o som do primeiro beijo do discipulo de Mephistopheles nos labios de Margarida-- e todas essas brancas fórmas de virgens que passarão vagas no delirio pelo cerebro de Ossian.

(Continua)

Iniciativa

Entre o ficar inactivo e o tomar uma resolução embora errada, vai quasi a mesma distancia que entre a vida e a morte: homem sem iniciativa é como que um corpo sem alma.

Dr. L. B.

O Radio

A mais afasta lição da terra é nos livros chineses de cerca de 8000 annos; nos Vedas da India de 7600 e 4000 no Genera.

Não entanto agora, pelo conhecimento que temos dos corpos radio-activos, chega-se a época mais remota, através da idade do chumbo, isto é, pelo tempo que o chumbo gasta para chegar a ser.

Ora desde que o referido metal existe na terra, esta não pode ser de idade inferior a elle.

Metal que vem da transformação de um outro metal o Urânio em Radio, este em outro o Polonio e finalmente o Polonio em Chumbo.

O primeiro metal, isto é, o Urânio, emite raios denominados Alpha durante 7500 milhões de annos, transformando-se assim e depois de um numero de phases intermediarias em Radio.

Este continua a desprender emanções radioactivas conjuntamente com taes especies de raios Alpha, Beta e Gamma, gastando nisso mais 2500 annos, nos quaes, passando tambem por phases intermediarias, se transforma em Polonio que ainda, emitindo raios Alpha, durante 7 meses, converte-se finalmente em chumbo.

Assim a idade com que o chumbo aparece no nosso planeta corresponde ao numero fabuloso de 7500002500 annos e 7 meses!

Em poucas decenas de annos mais, o que hoje nos maravilha da electricidade, não passará de banalidade, em vista do que de assombroso nos promete os corpos radio-activos, dos quaes o radio é o principal.

E todos os corpos que existem na natureza, não deixam, de certo modo, de ser radio-activos, emitindo gazes e raios com prejuizo da integridade propria.

Estas emanções que sahem dos

corpos do modo mais diverso, são em geral imperceptiveis aos nossos sentidos, salvo as emitidas dos corpos actiniflidos, que manifestam as energias nelles accumuladas pela continua emissão que dellas fazem.

Um pedaço de pau, uma pedra, um metal, um corpo qualquer então, continuamente desprendem de si emanções que o vão transformando e oxidando através dos tempos.

O nosso proprio corpo é um exemplo dessas emanções, o que se pode facilmente comprovar com qualquer lampada incandescentes a vida não extincta.

Uma vez o feitor uma lampada qualquer de 25 velas por exemplo, cobre a parte metallica na palma da mão esquerda e a ampola no concavo da outra mão, isso no escuro, tendo as mãos e a lampada perfeitamente seccas e na posição indicada durante 20 minutos á uma hora, conforme o individuo que opera, tendo o cuidado de ter as mãos sem se tocarem e sempre adherente a lampada; mãos e lampada sempre muito seccas.

Feito isso conserve-se a lampada na mesma posição na mão esquerda e com as pontas dos dedos da mão direita faça-se um movimento lento de rotação sobre a ampola do vidro, apenas com um levissimo contacto sobre o vidro; combinando o movimento da mão, de maneira que haja um movimento de rotação e ao mesmo tempo de translação para a ponta da ampola; um movimento helicoidal dos dedos sobre o vidro da ampola a partir proximo da extremidade metallica para a ponta da mesma ampola.

Depois de algumas tentativas se não immediatamente, a lampada se illuminará interiormente com lampejos de uma luz (o filamento não) brilhante, azulada, de matiz mais ou menos carregado conforme a pessoa que opera.

Passado algum tempo, como que

a lampada se descarrega, sendo então preciso repetir a operação.

Quando o sabio professor Charles Richet esteve de passagem no Rio de Janeiro onde fez diversas interessantes conferencias sobre casos psicicos, chamou a sua attenção de scientista sobre o facto, que declarou que não conhecia; mas que desde logo attribuia a um phenomeno da electricidade statica.

Por polidez e respeito, não quiz contestar e mais tarde usando de um sensivel electroscopio, verifiquei que os raios emitidos não tinham carga electrica alguma e impressionavam uma chapa photographica, rápida, fechada deoito de seu chassis, eram portanto raios por sua natureza e penetração, muito semelhantes aos raios Gamma emittidos pelo Radio.

L. C.

Estilhas

A Superintendencia Municipal mandou collocar, no jardim Oliveira areião as toneladas, por occasião da chegada do Dr. Schmidt.

Foi uma verdadeira urupuca.

Meninas, moças e muito menino dandy escoregou ali, aos olhos de todo o mundo, projectando no solo duro todo o peso de sua carcassa.

Houve um elegante capitão que ao escoregar fez tanto barulho que parecia ter detonado o berrante...

O Lustoza, a um recanto do jardim, gosava, com gostosas gargalhadas, a queda do proximo.

Foi, na verdade, um espectáculo interessante.

Muitos representantes desta geração, sentenciou o Joe passarão á posteridade com fundas echimoses, devidas à perfidia do areião grosso...